

EDITORIAL

Dentro do movimento feminista, e mesmo junto a pesquisadoras/es de gênero e corpo, as questões da população transgênero (pessoas transexuais e travestis) ainda não são plenamente reconhecidas como questões de gênero, sendo comumente restritas à dimensão da identidade sexual, das sexualidades.

Abordar diferentes aspectos do cotidiano dessa população, sob o enfoque da discussão de gênero, evidenciando aspectos sociais relacionados ao preconceito e à discriminação, fora da lógica patologizante das identidades trans: esse é o objetivo do **Dossiê Trans-Formações em Gênero**.

Ele não é mais um compêndio técnico que visa caracterizar pessoas transexuais e travestis, diagnosticando suas identidades de gênero. Sem dispensar o rigor da metodologia científica, este dossiê adota uma postura inclusiva com relação à população transgênero, assumindo o seu direito à autodeterminação, não apenas transcrevendo suas vozes, mas, de forma inovadora no Brasil, destacando o protagonismo intelectual de acadêmicos/as trans.

A partir de uma abordagem crítica, Jaqueline Gomes de Jesus e Hailey Alves denunciam a sistemática de exclusão das mulheres transexuais do feminismo de base biológica, e dos movimentos de mulheres. Fundamentam conceitualmente e propõem uma nova forma de pensamento e inclusão das pessoas trans, o feminismo transgênero ou transfeminismo.

Natacha Kennedy apresenta um tema invisibilizado: o das crianças trans. A autora coleta as memórias de infância de homens e mulheres transexuais para desenvolver um estudo sobre a construção da identidade de gênero, e defende a necessidade de aceitar a existência de crianças que vivenciam a dimensão transgênero, a fim de evitar o sofrimento decorrente da negação de suas vivências.

A educação é discutida em dois artigos. No primeiro, Thiago Ranniery e Claudiene Santos atentam seus olhares para o perigo da imagem normalizadora e normalizante do discurso pedagógico que tem emergido nas pesquisas sobre/com transgêneros. Perguntam-se de que modo, diante de novas topografias do desejo, os/as trans podem funcionar como um disparador intelectual para a própria experiência constitutiva da pedagogia.

Em seguida, Marco Antonio Torres investiga o processo de emergência de professoras transexuais, sua luta por autonomia e estratégias para o enfrentamento dos estereótipos da patologia e da prostituição, por meio da formação de redes de solidariedade e alianças estratégicas durante o exercício da docência.

Os desafios ainda prementes de travestis brasileiras, especialmente no mercado de trabalho, são revisitados por Edmar Henrique Dairell Davi, Maria Alves de Toledo Bruns e Claudiene Santos.

Dando destaque ao papel da internet no mundo contemporâneo, e propondo uma metodologia de pesquisa que empodere as pessoas trans, Tobias Raun aponta os blogs de vídeo como diários públicos, nos quais essas pessoas buscam construir sua autoimagem e heteroimagem como homens ou como mulheres, produzindo em si uma “trans-formação”, palavra, aliás, que liga os trabalhos deste dossiê.

Os/as leitores/as encontrarão uma entrevista instigante, feita por Berenice Bento à feminista espanhola, ativista trans e pioneira na luta contra a patologização da transexualidade, Beatriz Espejo, autora do “Manifesto Puta”, um ensaio em defesa da liberdade sexual e da prostituição.

A integração de perspectivas pode ser relevante para uma visão de conjunto do campo, das divergências, complementaridades e trans-posições nele existentes, incluídas as visões particulares de quem vivencia esse fenômeno sócio-identitário.

Que o/a leitor/a faça bom proveito destas ideias e também se trans-forme, ampliando seus horizontes de compreensão sobre temáticas tão instigantes.

Jaqueline Gomes de Jesus
Claudiene Santos